

Sonia Filgueiras

sonia.filgueiras@brasileconomico.com.br

Brasília

Na terça-feira, em jantar com correspondentes estrangeiros, a presidente Dilma Rousseff disse não saber direito por que o país não cresce e culpou, em parte, o mau humor do mercado. Ontem, seu ministro da Fazenda, Guido Mantega, achou outro culpado: a escassez de crédito para o consumo. "Esta é uma das razões pelas quais você está movimentando menos o comércio. Nós poderíamos estar com taxas maiores de crescimento se houvesse um pouco mais de crédito para o consumo, estimulando, inclusive, o investimento, porque o investimento cresce também com vistas a ter um mercado consumidor", declarou o ministro durante sua apresentação na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), no Palácio do Planalto.

Mantega também reforçou a importância de o país ter juros mais baixos para estimular o desenvolvimento. "A taxa de juros real era muito mais alta no passado", disse, referindo-se aos juros reais (descontada a inflação) de 15,3% ao ano praticados em 1999. Hoje, a taxa real está na casa de 5% ao ano. "Ela foi menor nos anos passados, 2012 e 2013, mas por questões de combate à inflação, tem flutuado. É normal que a taxa flutue. A tendência é ela se manter em um patamar muito mais baixo do que era no passado", comentou o ministro, destacando em seguida que "uma taxa de juros elevada inibe o crescimento da economia".

Após uma escalada em abril de 2013, o Banco Central (BC) interrompeu na semana passada o ciclo de aperto monetário ao manter a Taxa Selic em 11% ao ano.

Mantega salientou que o crédito para consumo está crescendo menos desde 2011, quando sobreveio a crise europeia, "embora o nível de inadimplência esteja baixo". Segundo ele, já no caso dos investimentos, a oferta de crédito vem se expandindo mais rapidamente e com taxas atraentes. De acordo com os dados apresentados por Mantega no Conselho, o crédito direcionado, liberado principalmente por instituições de crédito públicas, como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), registrou uma expansão de 23% entre abril de 2013 e abril deste ano.

O crédito livre — faixa de recursos captados pelos bancos que é destinada a empréstimos em geral, inclusive à aquisição de bens pela população — apresentou expansão de 6,2% na mesma base de comparação. Mas Mantega fez uma ressalva: "Eu acredito que ela (a escassez de crédito) é passageira. Em breve, quando tivermos uma recuperação do crédito

livre, teremos também um aumento do crescimento do comércio e isso vai estimular o investimento, que é uma prioridade para o nosso crescimento".

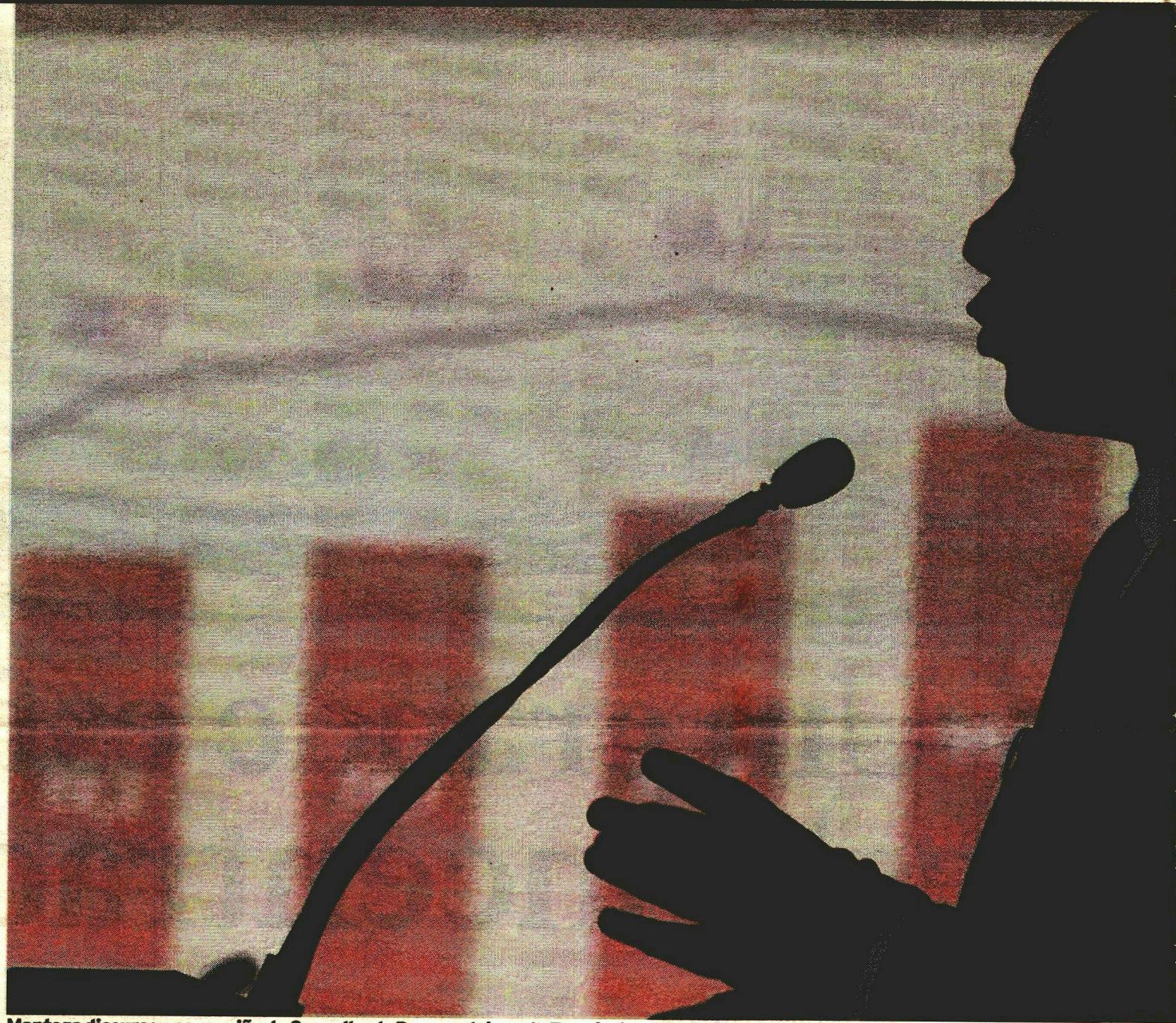
O ministro aproveitou a apresentação para rebater críticos do governo para os quais a equipe econômica optou por estimular o consumo em detrimento dos investimentos, o que aqueceu a demanda em excesso e acabou pro-

vocando inflação, obrigando o BC a subir os juros e frear o crescimento. "Tem gente que acha que você faz o país crescer só com investimento, mas você precisa também estimular o consumo", disse Mantega, acrescentando que "...você precisa de investimento e ele é prioritário, mas você precisa também estimular o consumo, talvez em menor escala, de modo que haja um equilíbrio".

O ministro também alfinetou a gestão tucana (até 2002), ao minimizar a crise econômica brasileira de 1999 a 2001, que incluiu a desvalorização cambial e os efeitos do default da Argentina: "Foi uma crise menor, não se compara com a que tivemos a partir de 2008, que foi uma grande crise mundial, a maior dos últimos 80 anos".

Mantega fez uma defesa veemente da atuação do BNDES,

cujas operações de crédito saltaram de R\$ 25,2 bilhões em 2001 para R\$ 190,4 bilhões no ano passado. "Tem gente que critica a participação do BNDES, que acha que o banco não deveria existir ou deveria ser muito menor. Nós discordamos dessa visão, achamos que o BNDES é fundamental para manter uma taxa de crescimento do investimento e portanto do crescimento do país", declarou.



Mantega discursou na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, no Palácio do Planalto

O crédito é que está escasso

Ministro Guido Mantega diz que comércio precisa de estímulo, para incentivar a produção. E os juros não podem estar altos, pois também inibem a indústria

Em seu discurso, Dilma antecipa planos e diretrizes para um segundo mandato

Embora ainda não tenha passado pelo teste das urnas em outubro, a presidente Dilma Rousseff abriu seu discurso durante a reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) afirmando que iria compartilhar com os presentes "uma perspectiva de futuro". Dilma informou que desejava falar sobre "como ficá a continuidade do PAC e do Minha Casa Minha Vida, basicamente", mas acabou sinalizando vários outros planos a serem executados nos próximos anos.

Além de reafirmar o lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) 3, o Programa de Investimentos em Logística (PIL) 2, a presidente adiantou também que, na próxima semana, o governo divulgará as diretrizes do Pronatec 2.0, continuação do programa de cursos gratuitos de qualificação técnica e uma nova etapa do programa Ciência sem Fronteiras, que distribui bolsas no exterior. "E se vocês me perguntassem qual é a coisa mais importante que o Brasil tem de fazer nos próximos anos, eu diria educar, educar e educar", incluiu ela, em seu discurso de 55 minutos.

Dilma também afirmou que a terceira etapa do programa Minha Casa Minha Vida terá a meta "realista" de contratar 3 milhões de moradias. Mas, segundo ela, o número poderá até chegar a 4 milhões, caso o governo consiga manter o atual ritmo de contratações. "Um milhão por ano", calculou. Em uma reunião recente com empresários, o pré-candidato do PSB à presidência, Eduardo Campos, disse que manteria o programa habitacional petista e contrataria 4 milhões de moradias.

Em seu discurso, Dilma apresentou as diretrizes que considera mais importantes para os próximos anos. "Nós pretendemos continuar criando um ambiente favorável para o aumento e a aceleração dos nossos investimentos em infraestrutura para aumentar a competitividade do país", declarou, dizendo que a segunda edição do Programa de Investimentos em Logística estará concentrada na ampliação dos investimentos nos modais ferroviário e hidroviário e na navegação de

cabotagem. De acordo com ela, será necessário modernizar o marco regulatório da cabotagem.

Na área de telecomunicações, os planos incluem ampliar a rede de transporte em banda larga e a rede de distribuição em um modelo de parceria com a iniciativa privada. Além disso, ela planeja construir duas linhas continentais de comunicação, uma com os Estados Unidos e outra com a União Europeia, e lançar o satélite geoestacionário brasileiro. Na área de energia, a presidente defendeu que é preciso ampliar os investimentos em geração e transmissão. Na modalidade urbana, priorizou os metrôs, Veículos Leves sobre Trilhos (VLTs) e BRTs (os ônibus articulados), além de "aumentar a cobertura de saneamento do Brasil".

A presidente fechou o discurso citando o economista francês Thomas Piketty, que afirma ter ocorrido um aumento da desigualdade social em todo o mundo a partir da década de 70. "Estamos na contracorrente", afirmou, referindo-se à melhoria na distribuição de renda registrada no Brasil nos últimos anos. E classificou como "lamentável" as manifestações violentas ocorridas em São Paulo nesta quinta-feira, em consequência da greve no Metrô.

Ueslei Marcelino/Reuters

"

Poderíamos estar com taxas maiores de crescimento se houvesse um pouco mais de crédito para o consumo, estimulando, inclusive, o investimento"

Acordo que a escassez de crédito é passageira. Em breve, quando tivermos uma recuperação do crédito livre, teremos também crescimento do comércio, que vai estimular o investimento"

Guido Mantega
Ministro da Fazenda

"

E se vocês me perguntassem qual é a coisa mais importante que o Brasil tem de fazer nos próximos anos, eu diria educar, educar e educar"

Dilma Rousseff
Presidenta da República

CNBB dá um cartão vermelho aos gastos com Copa do Mundo

Pastoral do Turismo vai distribuir críticas nas paróquias criticando a inversão de prioridades

O papa Francisco pode ser um fãático por futebol, mas os bispos brasileiros da Igreja Católica preferiram dar um "cartão vermelho" aos organizadores da Copa do Mundo no Brasil por gastar bilhões de reais em estádios, recursos que poderiam ter sido usados para melhorar os péssimos serviços públicos prestados no país.

A Pastoral do Turismo da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) começou a distribuir pelas paróquias brasileiras um panfleto em formato de cartão vermelho no qual elenca oito preocupações da Igreja relacionadas ao Mundial e seis exigências que devem ser observadas para garantir "uma vitória de todos" na com-

Os bispos dizem que a prioridade deveria ser para a saúde, a educação, o saneamento básico, o transporte e a segurança

petição. Entre os pontos condenados pelos bispos está "a inversão de prioridades com o dinheiro público que deveria servir, prioritariamente, para saúde, educação, saneamento básico, transporte e segurança", e também "a exclusão de milhões de cidadãos ao direito de informação e participação nos processos decisórios sobre as obras que foram realizadas para a Copa".

No panfleto, os bispos da Igreja Católica do Brasil criticam a remoção de pessoas dos arredores dos estádios, o desrespeito à legislação ambiental e a entrega do esporte nas mãos "das grandes corporações".

O panfleto pede também que as autoridades brasileiras combatam a exploração sexual durante o evento, que deve atrair cerca de 800 mil torcedores estrangeiros ao Brasil.

Para os bispos brasileiros, o êxito do Mundial não será medido na quantidade de dinheiro injetada na economia ou nos benefícios trazidos por patrocinadores, mas sim no cumprimento de "exigências fundamentais", diz o texto do material produzido pela Conferência. **Reuters**